

Encontrado fungo letal no Brasil

Agora há evidências de que chegou ao Brasil um fungo que em outros países da América Latina e da Ásia eliminou populações de anfíbios e, em consequência, quebrou o equilíbrio ecológico, favorecendo a multiplicação de insetos, dos quais esses animais se alimentam, e prejudicando a alimentação de aves, de répteis e de mamíferos, pelos quais são predados. Zoólogos da universidade Estadual Paulista (Unesp) de Rio Claro e do Museu de Zoologia de Vertebrados, de Berkeley, Estados Unidos, encontraram pela primeira vez o fungo *Batrachocytrium dendrobatidis* na rã-de-corredeira (*Hylodes magalhaesi*), uma espécie de 3 centímetros, pele castanho-escuro e ventre escuro com pintas brancas, que

vive em riachos no alto de morros da Serra da Mantiqueira cobertos por Mata Atlântica, na divisa entre São Paulo e Minas Gerais. Identificado na fase larval dessa espécie por meio de seqüências específicas de DNA, esse fungo causa deformações na boca dos girinos e, supõe-se, prejudica a metamorfose, a ponto de levar os animais à morte. “O *Hylodes magalhaesi* pode ser um reservatório do fungo, que assim pode contaminar outras espécies”, diz Célio Haddad, pesquisador do Instituto de Biociências da Unesp e um dos autores da descoberta. Segundo ele, os dados são preocupantes também porque a rã-de-corredeira é uma espécie ameaçada de desaparecimento por causa da fragmenta-

ção de seu hábitat natural. Já houve relatos de extinção local de outra espécie do mesmo gênero, o *Hylodes asper*, a 300 quilômetros do ponto de coleta do *H. magalhaesi*. Embora esse episódio tenha sido atribuído às mudanças climáticas, os pesquisadores não descartam a hipótese de que possa tratar-se de um impacto desse fungo, que se propaga por meio das águas frias dos riachos que correm nas montanhas. Essa espécie de fungo, embora tenha sido detectada só agora, pode ter se instalado no país há muito tempo. “Desde 1980, quando eu ainda fazia estágio na graduação”, conta Haddad, “já encontrava girinos com a boca deformada, um dos sinais mais característicos deixados por esse fungo.” •

A rã-de-corredeira, que vive em riachos na Serra da Mantiqueira: provável reservatório de um fungo que devastou populações de anfíbios em outros países



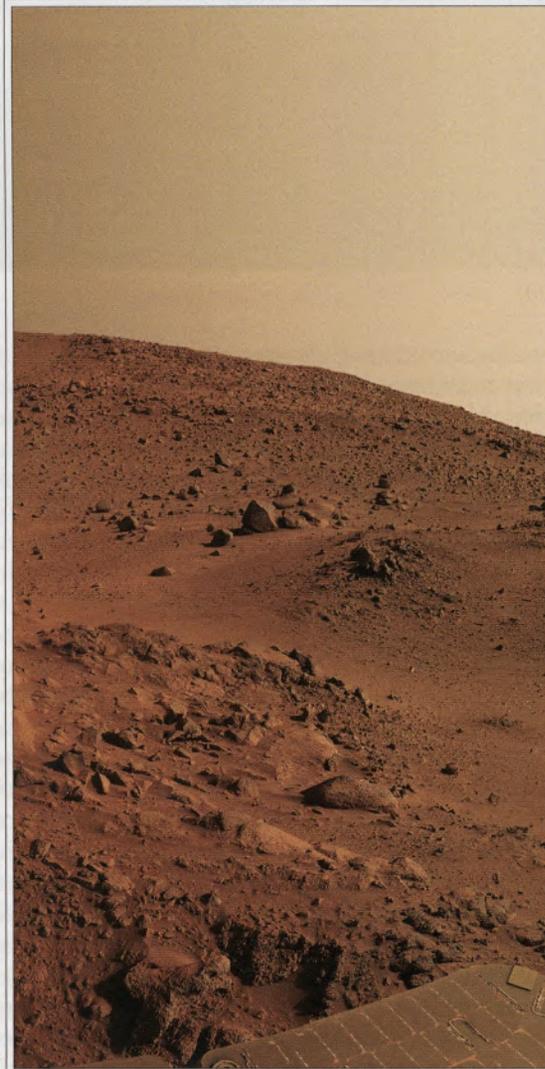


0800 para os tubarões

Cinco mil cartões flutuantes foram lançados ao mar em Pernambuco. Plastificados e numerados, trazem os endereços eletrônicos da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e do Instituto Oceanário, além de um número de telefone 0800, para que a população informe o local em que foram achados. É uma forma de mapear as correntes marinhas e o vento para se entender melhor os movimentos migratórios de tubarões como o cabeça-chata (*Carcharhinus leucas*, ao lado). Desde 1992 houve 46 ataques nas praias de Recife, com 17 mortes. •

■ Uma cratera em Santa Catarina

Nunca viu um astroblema? Não, não é um problema astronômico, mas gigantescas crateras deixadas pelo impacto de meteoritos na superfície da Terra. No Brasil, o mais recente é o Domo de Vargeão, no oeste de Santa Catarina, com cerca de 12 quilômetros de diâmetro e um desnível de até 150 metros. Descrito pela equipe do geólogo Alvaro Crósta, da Universidade Estadual de Campinas, o Domo de Vargeão integra a lista dos 60 principais sítios paleontológicos e geológicos mapeados pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (Sigep). Os sítios dessa lista – como o Arenito Mata, no Rio Grande do Sul, com fósseis de troncos de coníferas com 30 metros de comprimento, ou a Toca da Boa Vista, na Bahia, com 84 quilômetros de extensão – são candidatos a integrar o Patrimônio Mundial da Humanidade da Unesco. •



A água extinta de Marte

Hoje uma poeira fina e brilhante cobre a superfície marciana, espalhada por ventos constantes, mas já houve água por lá, embora nem sempre abundante, de acordo com seis artigos de pesquisadores da Nasa publicados na *Nature*. Outra novidade é que a cratera Gusev, onde pousou o jipe-robô Spirit, nunca foi um imenso lago, como se pensava. Abaixo da poeira o solo é escuro, de origem vulcânica, e as rochas contêm óxido de ferro e enxofre, incorporados em um processo que necessita de pouca água, segundo a equipe da Nasa, da qual participa o físico brasileiro Paulo de Souza Júnior, da empresa de mineração Vale do Rio Doce. Do outro lado do planeta, os dados do jipe Opportunity indicam que o Meridiani Planum já foi um mar: ali há hematita, mineral que só se forma com água. Os jipes também seguiram a órbita das duas luas marcianas: Deimos, que está se afastando de Marte, e Phobos, que deve se chocar com Marte em 40 milhões de anos. •